Nós e eles: narrativas e depoimentos para dias nublados

Ficha técnica:

Edição de Texto: Jully Ana Mendes, Paula Bulka Durães e Thiago Fedacz Anastacio

Artes e Fotografia: Chananda Lipszyc Buss

Diagramação: Thiago Fedacz Anastacio

Edição de imagem: Jully Ana Mendes

Orientação: José Carlos Fernandes

Piano

Autores:
Isabella Leandra Honório
Joana Tápea
Jully Ana Mendes
Paula Bulka Durães
Thiago Fedacz Anastacio

Memórias de família

O que um bule de chá quebrado pode dizer sobre lembranças

Por Joana Tápea

No canto da velha cozinha, bem no alto, havia um pequeno armário, feito de madeira de cor clara, com singelas portas de vidro. Era onde minha bisavó costumava guardar suas canecas e seus bules de porcelana, sempre lustrados, polidos e muito bem organizados. Ela orgulhosamente nos contava que tinham sido herdados de sua mãe. Minha bisavó sempre tivera uma relação muito forte com as memórias da família. Lembro de sentar no chão frio da varanda perto de sua cadeira para ouvir histórias por horas e horas. As aventuras de sua infância, seus aprendizados, era tudo tão bem narrado, tão vivo que fazia você se sentir parte da história.

Aos 11 anos lembro que minha professora de artes passou uma atividade sobre memórias. Não podia esconder a animação. Assim que a aula acabou corri para casa. Era um final de tarde agradável, sentada em sua cadeira como de costume, minha bisa tentava prender seus cabelos brancos e curtos em um coque, mas sem sucesso. Me aproximei e falei sobre o trabalho, era preciso contar a história de um objeto. Ela logo se ofereceu para ajudar. Andou até a cozinha, em direção ao pequeno armário. Depois de algum tempo retornou com uma pequena caixa de papelão na mão. Dentro dela cuidadosamente embrulhado havia um de seus bules de porcelana. Escrevemos a história, e ela deixou que eu levasse o bule para apresentar em sala.

O trajeto entre a minha casa e a escola era curto, uns dez minutos no máximo. Mas naquele dia eu não queria me apressar. Não podia. Andava pela rua de paralelepípedos como se estivesse segurando um artefato antigo e sagrado, e talvez fosse mesmo. Apresentei o trabalho, a professora gostou do texto, os colegas também, parecia ter dado certo. Mas em uma pequena fração de segundos tudo foi por água abaixo. Por um descuido o bule escapuliu da mão e espatifou-se no chão. Fiquei um tempo paralisada olhando incrédula para aqueles pedaços de porcelana. Lágrimas escorriam dos meus olhos enquanto sem sucesso tentava consertar o estrago, mas já não tinha jeito.

Voltei para casa caminhando lentamente, queria que o trajeto não tivesse fim. Talvez não precisasse contar a minha bisa, conseguiria colar antes que ela pudesse ver, pensava. Sua cara de decepção me assombrava. Já podia imaginar a bronca que iria levar, quem sabe até umas boas chineladas. Por que eu tinha que ser tão irresponsável? Custava ter um pouco mais de cuidado?

Lá estava ela, sentada em sua cadeira na varanda, como de costume. Seu cabelo branco contrastava com seu vestido florido. Com lágrimas nos olhos contei o que havia acontecido e lhe entreguei a caixa com os pedaços de porcelana. Um silêncio ensurdecedor cortava o ar, apenas se ouvia de longe o barulho da televisão no quarto. De repente, o diálogo da novela Cordel Encantado parecia preencher todo o ambiente. Ela me encarou por alguns momentos, mas surpreendentemente não havia decepção ou raiva em seu rosto. Me desculpei inúmeras vezes, prometi que colaria os pedaços. Mas não parecia incomodá-la. Com um sorriso sincero e acolhedor ela disse: “Tudo bem, é só um bule”. Levantou, jogou a caixa no lixo e foi preparar um café.

O caminhar de um venezuelano apaixonado pela sua Curitiba

"Cheguei ao Brasil acho que com menos de duzentos reais, uma mochila cheia de roupas e de sonhos", diz Daniel Gotta

RESUMO Mochileiro de corpo e alma, Daniel Alberto Ojeda Gotta, de 26 anos, percorreu um grande caminho até chegar ao bairro Alto Boqueirão. Nascido no interior do estado de Guárico, na Venezuela, Daniel conta como o seu espírito viajante o fez chegar ao Brasil.

Depoimento a THIAGO FEDACZ ANASTACIO

Nasci em uma cidade chamada Valle De La Pascua (Vale da Páscoa), bem no interior do estado de Guárico, na Venezuela. É um estado bem parecido com o Mato Grosso do Sul. Atualmente moro em Curitiba, no bairro Alto Boqueirão. É meu bairro, meu país.

A minha infância e adolescência foram boas. Apesar de na época não ser maior de idade, viajei bastante sozinho. A minha relação com a família nem sempre foi boa. Houve uma época muito conflitiva. Eu era o que chamam em inglês de *off the wall* (excêntrico), não era muito comum. Fui muito transgressor, pela forma de me vestir, de manifestar algumas coisas. É tempo que se foi.

Teve uma etapa que eu ia muito na vibe do metaleiro, do *punk*, *skater*, meu cabelo era liso para cima, usava piercing. Meus pais não gostavam dos meus amigos, diziam que eram más influências.

Saí com 18 anos da casa da minha mãe e fui morar sozinho em uma ilha chamada Margarita. Ela fica no Mar do Caribe. Fui para conhecer um outro mundo, era um sonho para mim. Lá comecei a estudar, fiz faculdade de Turismo e aproveitei para trabalhar na área, vendendo passagens aéreas, acompanhando os gringos. Fiquei lá uns quatro anos mais ou menos e depois vim para o Brasil.

Eu sempre tive um espírito viajante, mochileiro mesmo. Quando cheguei em Margarita, descobri uma plataforma muito legal chamada *Couchsurfing*. É uma plataforma global na qual você hospeda pessoas de outros países na sua casa ou você pode ficar hospedado na casa de outras pessoas de graça. Ela traz um intercâmbio cultural, você amplia a sua mente. Comecei a receber viajantes, hospedei umas 200 pessoas do mundo inteiro. De tanto receber essa influência dos viajantes, só com a mochila, sem dinheiro, trabalhando, ali, na viagem, eu fiquei apaixonado por essa forma de viver.

Comecei a fazer uma viagem pela América do Sul. Iniciei pela Colômbia e dali segui para o Brasil. O meu interesse era conhecer toda a América do Sul. Entrei no Brasil por Roraima, aí fui descendo. Passei pelo estado do Amazonas, conheci todos os estados do nordeste. Fui descendo aos poucos. Aí cheguei em Curitiba e gostei muito da cidade. Fiquei aqui e não saí mais.

O Brasil é um país sensacional. Amo a vibe do brasileiro, o idioma, as músicas, acho tudo muito legal. É um país muito desenvolvido, as pessoas são muito boas e generosas. Eu amo.

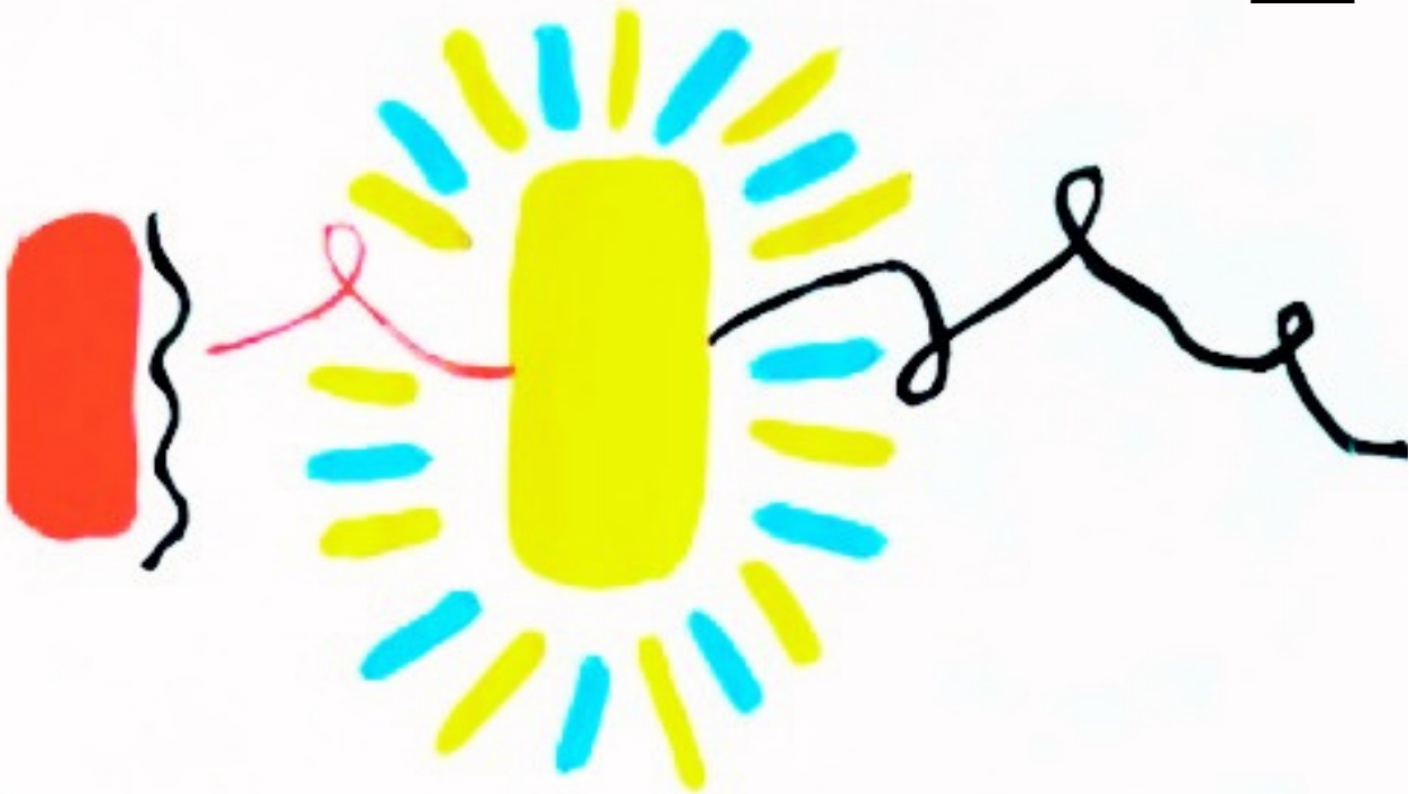
A princípio foi bem complicado com o português, porque quando estava na Venezuela eu não falava nada. Acho que demorou uns seis meses para que eu tivesse uma conversa legal, mas cada dia [ficava] um pouquinho melhor. Cheguei no Brasil acho que com menos de duzentos reais, uma mochila cheia de roupas e de sonhos. Os sonhos eram viajar, conhecer a América Latina, como um ponto de partida, sabe.

Quando cheguei [em Curitiba], conheci uma pessoa. A gente se en-

volveu e eu meio que acabei ficando na cidade por ela. Quando acabou, percebi que não era mais essa pessoa que me fazia ficar aqui. Eu gostava de Curitiba.

O momento mais feliz acho que [foi no instante em que] atravessei pela primeira vez de *ferry boat* para ilha quando me mudei. Eu estava cheio de felicidade, de expectativas, era o que eu queria. Me senti realizado, que conseguiria fazer qualquer coisa, ir para qualquer lugar que eu quisesse.

E o mochileiro que exalava alegria e tranquilidade com essa vida, pensou que um amor o prendia em Curitiba. Percebeu que seu fio de ligação era muito mais profundo e extenso. Curitiba lhe oferecia muito mais do que uma paixão.



É isso que somos, um sinal da vida

"Ele [Deus] fala contigo e você sente?", não. Deus nos chama através de uma vida muito real e os seus sinais também são muito bem visíveis em cada pessoa

RESUMO De volta ao Brasil depois de viver alguns meses em uma Portugal pandêmica, irmã Ilsiane, uma jovem religiosa curitibana, relata passagens da sua vida: a infância em uma família simples, de muitos irmãos e conflituosa; o momento de seu chamado, aos 15 anos, a uma vida devota. Ela relembra momentos de adaptação à vida coletiva no convento, cenas fortes de pobreza e miséria que presenciou em sua trajetória missionária e a difícil, mas rica, experiência em Portugal.

Depoimento a PAULA BULKA DURÃES

Eu não me recordo muitode maneira precisa da infância, mas, fazendo memória a algumas coisas, tive uma infância... Não foi tranquila, porque acho que nenhuma infância é tranquila. Tive desafios, principalmente familiares. Somos uma família grande, portanto muito diversa, muitos irmãos e a preocupação familiar de alimentar a todos, de ter sustento para toda a gente ali. Tínhamos tensões que eram próprias familiares, entre o pai e a mãe e tantos irmãos que viviam na mesma casa, mas, quando me recordo de minha infância, me recordo com grande carinho.

A vocação não se fez presente desde a infância não. Ela se apresenta na minha vida mais na adolescência, aos 15 anos. Ele não foi romantizado porque foi uma vida muito real mesmo. Foi no momento em que eu trabalhava que fui percebendo nas pessoas religiosas, que trabalhavam no mesmo hospital que eu, atitudes que eu buscava. Isso me fez perceber que havia uma semente dentro de mim o que sempre desejava – a ajuda, o cuidado. Essas atitudes estavam presentes na minha família por ter uma irmã que tem uma deficiência física. Creio que exista sim uma romantização em cima disso, de que é "ah, porque Deus te ama"... As pessoas se perguntam como é: "Ele fala contigo e você sente?". Eu digo que não. Deus nos chama através de uma vida muito real e os seus sinais também são muito bem visíveis em cada pessoa.

O cotidiano na vida do convento é muito progressivo, ele vai devagarinho. E a minha adaptação foi um pouco difícil porque éramos muitas jovens, não estava acostumada a vivenciar uma vida mais comunitária, uma vida que tinha ali suas, não quero dizer a palavra regra, mas tinha a sua organização. Havia uma rotina, mas havia também uma de lazer. Quando a gente é jovem necessitamos de muitos momentos recreativos, muitos momentos em que colocávamos as energias pra fora, brincadeiras, jogos, muita convivência também, muita risada, muitos momentos, assim, fraternos, muito significativos, amizades... O questionamento é algo do ser humano, todos nós nos questionamos em algum momento da vida. Nesse tipo de vocação, ele também vai estar presente. Ser uma religiosa não significa deixar de ser uma pessoa humana, que tem sentimentos, que pensa, que também discerne, então ele sempre se fez presente.

Nesta vida que se escolhe há muitas trajetórias, há muitos caminhos. Já estive presente em algumas missões, onde eu pude ver com meus próprios olhos famílias com mortes, crianças em que não tem o mínimo, que é o banho ou a alimentação, em que alguns momentos tive até que fazer isso por elas. Houve também momentos de missão de saída em que você encontra pessoas drogadas, bêbadas, pessoas nos seus limites da própria vida e que olham pra você e enxergam uma esperança. No entanto, não vem nada a mais do que esse sinal. É isso que somos, sinal da vida. Porém, também há alegrias constantes, como o grande trabalho que fazemos com adolescentes

e jovens, mas também com as crianças, que sempre foram essas luzes para o crescimento pessoal.

A minha experiência em Portugal foi muito rica, Portugal tem muita história para contar. Como os momentos de desafio, lidando com a xenofobia que existe sim e é muito forte entre eles. Eles se acham, se sentem muito melhores que nós em todos os sentidos e transmitem isso através de suas falas. Eu me recordo aqui de um momento que eu lá estava, trabalhava num santuário nacional que recebe turistas de todo o mundo. Atendi uma portaria em que uma senhora queria entrar para buscar algo que ela tinha esquecido dentro do santuário, mas era mentira e quando eu disse que não, ela respondeu: "Só podia ser brasileira". A adaptação numa outra cultura é muito difícil, eu precisaria de mais alguns anos pra me adaptar um pouco melhor.

Por trás dos campos

"Para falar bem a verdade, o futebol feminino é complicado nesse sentido. É sempre as meninas por si. Ou tira dinheiro do próprio bolso, ou corre atrás de alguém que conhece para conseguir ajuda"

RESUMO Isabelli Campos é uma jovem que, assim como milhares de outros brasileiros, tenta carreira no esporte num país que não dá os incentivos necessários para tal desejo. Entre os altos e baixos desde sua adolescência, ela se mostra focada para alcançar seu sonho e enfrenta com vigor as adversidades que encontra pelo caminho.

Depoimento a JULLY ANA MENDES

Quando comecei a jogar bola... deixa eu ver... começou de criança né? Jogava na rua e, na verdade, não consigo lembrar a primeira vez que peguei numa bola. Tudo começou na rua, quando a minha tia fazia torneios com outras vilas. A gente competia e era só eu de menina no meio, sempre assim, só "piá" o resto. Depois entrei na igreja e, nela, conheci um rapaz que tinha uma escolinha chamada Paraná Clube. Ele me deixou jogar com os meninos então entrei na escolinha. Fiquei jogando em torno de um ano, um ano e meio. Depois entrei no ensino médio, lá comecei a jogar interclasse, jogos escolares, nisso comecei a levar um pouco mais a sério.

Quando comecei a jogar nos escolares, por volta dos meus 17 anos, foi quando a gente passou pra final e eu tive que viajar para Guaratuba, nesse período eu estava morando em Paranaguá. Até então meus pais não ligavam muito para negócio de esporte ou futebol, então era sempre eu por eu mesma. Aí pra conseguir dinheiro pra viagem, o pessoal da igreja fazia uns doces e dava pra gente vender. Um dia fomos para o Aeroparque, em torno de 10h da manhã e ficamos até às 18h vendendo. Conseguimos 600 reais e com isso fomos pra Guaratuba e compramos comida pra todas as meninas do time.

Quando me formei na escola, parei de jogar porque não tinha mais time e eu não conhecia mais ninguém que quisesse jogar. Foi quando quase entrei em depressão. Poucos da minha família sabem disso pra falar bem a verdade. Eu quase entrei em depressão porque daí eu parei de jogar, eu começava a ficar... sei lá... comecei a me isolar, não queria ver mais ninguém, era uma coisa... esse sentimento ruim. Até que uma amiga minha me chamou para jogar no campeonato das "Divas" em Paranaguá. A partir daí, conheci a galera do futebol feminino. E aí a gente competia, jogávamos de segunda a domingo. Minha mãe ficava louca comigo porque eu saía todo dia... era todo dia eu saindo jogar bola. Ela e meu pai queriam que eu arrumasse um emprego, mas na minha cabeça eu não prestava para fazer algo que não fosse futebol. Tentava arranjar emprego, mas não era o que eu queria até então, daí comecei a jogar bola, comecei a conhecer outras meninas que também tinham um sonho de jogar bola profissionalmente.

Fiz uma amiga que deu a ideia de irmos pra São Paulo fazer uma peneira, mas pra isso precisávamos de dinheiro. A gente foi atrás de patrocínio. Fomos na prefeitura, falamos com o pessoal que tinha uma loja de esporte e aí conseguimos juntar em torno de uns mil reais. Fomos a São Paulo, fizemos a peneira, mas não passamos, foram mais de 300 meninas no teste. Voltei para Paranaguá e continuei jogando amador lá, no fut 7, que era sintético. Trabalhei de pedreira com meu pai e juntei dinheiro pra vir fazer outro teste, mas dessa vez em Curitiba.

Quando vim para cá [Curitiba], fiquei na casa da minha irmã, Sabrina. Vim com o dinheiro contado no bolso, mas dessa vez passei. Foi

quando vim para cá e a vontade de ser profissional cresceu ainda mais. Só que, até então, eu tive que correr atrás das coisas que queria. Nunca tive apoio dos meus pais. Consegui um emprego e, nesse emprego, consigo intercalar os horários de trabalho com o do treino. Eu entro no serviço 8h30 saio 13h, aí vou treinar, e volto às 17h e fico até às 21h na empresa. Sábado e domingo que eu posso descansar, eu não descanso, jogo o campeonato, que daí tem campeonato. Aí sábado eu jogo no fut 7 "Gurias". Praticamente fico de segunda a domingo jogando bola e trabalhando o dia todo. Eu treino à tarde e daí como tem que sair pra cumprir horário, eu fico até às 21h lá, e às vezes eu saio 21h30 quando tem que fechar a venda na empresa. Aí chego aqui mais ou menos umas 22h, 23h, vai dependendo do dia, ontem eu cheguei 23h.

A gente precisa correr atrás de dinheiro porque não temos assistência de atleta. Para falar bem a verdade, o futebol feminino é complicado nesse sentido. É sempre as meninas por si, ou você tira dinheiro do próprio bolso, ou corre atrás de alguém que você conhece para conseguir ajuda. Se for comparar com [futebol] masculino nunca vai ser igual aqui no Brasil. Agora, para fora [do Brasil] é totalmente diferente, as gurias têm muito mais incentivo, muito mais patrocínio e têm uma estrutura bem melhor do que aqui.

Mas, mesmo com tudo isso, eu não pretendo parar. E lembrar do meu passado, onde eu estava, quando eu não tinha um serviço de carteira assinada e comparar com agora, onde tenho um serviço e que ainda consigo treinar… me motiva ainda mais.

Linhas de angústia virando poça fora de si. É aí que ela voltou a sorrir. Com cansaço, o futebol volta a ser presente na vida dela. E então, a bola amarela irradia alegria.

Minha história - Levant G. Dunning

O que eu posso dizer? Vivi a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia. Trabalhei como engenheiro e inventor. Hoje vivo no Brasil

RESUMO Levant G. Dunning, veterano de guerra estadunidense, sobreviveu a grandes eventos históricos do século 20, como a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia. Após reconstruir sua vida nos Estados Unidos, trabalhou como inventor e ganhou diversos prêmios. Aos 90 anos, Mr. Dunning lembra dos horrores e dificuldades daquele tempo. Hoje, ele vive no interior de São Paulo com sua esposa brasileira.

Depoimento a ISABELLA LEANDRA HONÓRIO

Nasci em Portland, Oregon, onde todos os protestos estão acontecendo agora. Minha vida foi difícil, cresci durante a Grande Depressão e meus pais se divorciaram quando eu era pequeno. Morei com minha mãe até 1946, e então passei a viver com meu pai. Ele foi piloto, minha madrasta também, e tinham suas próprias aeronaves. Tirei minha licença para pilotar aviões antes da licença para dirigir carros. Entrei para as Forças Armadas em 1948. Nós éramos cinco [amigos], e decidimos entrar para o Exército, para as Forças Armadas Americanas. Passamos pelo treinamento básico no Texas, e eu segui para a escola de engenharia de aeronaves em Illinois. Depois fui designado para o primeiro Esquadrão de Jatos dos Estados Unidos.

Em 1949, fui para a ocupação na Alemanha, em Bremerhaven, e depois para Frankfurt. Isso foi algo bem diferente, o país estava todo destruído. Fui até uma prisão, tinham muitas durante o Holocausto. Lembro dos antigos prédios da SS [Schutzstaffel]. Os Serviços Especiais iam para outros países e faziam missões variadas. Quando participei das Forças Negras foi interessante. Os pilotos faziam uma "formação de pirâmide" com os aviões, e se o líder não conseguisse atingir o alvo, os outros dois que estavam atrás tinham que conseguir. Se ninguém conseguisse, todos os pilotos abriam fogo. [...] As pessoas eram legais. Um dia voltamos para a cidade, e as mulheres tinham organizado um grande churrasco.

Voltei para a minha base em São Francisco e depois fui para a Coreia por um ano e meio. A vida naquele tempo era um pouco difícil. Vivíamos em tendas com oito pessoas. O inverno de 1951 foi um dos mais frios da história, estava realmente muito frio. Nós nunca sabíamos quando íamos fazer a próxima refeição. Teve uma vez em que dez mil norte-coreanos conseguiram passar pelas barreiras e nos empurraram para o sul do território [...] perdemos muitos bons pilotos. Foi no meio da noite, todos estavam tentando dormir. Nós acordamos, vestimos qualquer roupa e fomos com rifles para as trincheiras. Algumas vezes tivemos sorte, e conseguimos acertar uma ou duas aeronaves deles. Era assustador, mas se você estava em uma trincheira, era mais seguro. As Forças Aéreas são um pouco diferentes das demais, não existe combate físico direto, o combate é entre uma aeronave e outra. Eles [norte-coreanos] tinham uma frota de aviões muito pequena, as aeronaves possuíam apenas um motor e cabine para uma pessoa, e eles jogavam bombas de fragmentação.

Meu irmão era da marinha e participou de muitas missões na Coreia e no Vietnã. Uma vez, ainda na Coreia, pude tirar alguns dias para descansar, então fui até o Japão e passei uma semana com ele. Foram bons momentos. Lembro de quando estive internado por alguns dias com um caso leve de pneumonia e Bob Hope e seu grupo nos visitaram no hospital, nos cumprimentaram e deram uma garrafa de whisky para todos que estavam lá. O whisky nos mantinha aquecidos

nos momentos frios. Bob era um ótimo artista e animava os militares!

Todos que estavam em combate sabiam que existia a possibilidade de não voltar. Quando você está nas Forças Armadas, todo dia é uma nova experiência, então você faz o seu trabalho, o melhor que pode. Quem entra para o Exército tem a obrigação de defender os Estados Unidos, ou o seu país, qualquer que seja. O que eu posso dizer? Você cresce aprendendo a discernir o certo do errado, e quando você entra para o exército é feito um juramento.

Minha filha tinha 29 dias de vida quando fui para Coreia e, quando voltei, ela já tinha um ano e meio. É bem estranho, um pai que não tem a oportunidade de ajudar a criar seus filhos. Voltar para a esposa é complicado também. Mas é preciso continuar, seguir em frente e aceitar como as coisas vão ser. Depois de um tempo, a *General Eletric Company* me contratou como engenheiro, consegui um trabalho nas Forças Aéreas como escritor técnico e atuei como contratante licenciado por seis anos em Sacramento, Califórnia, onde vivi por quase 15 anos.

Depois me tornei um inventor. Foram quatro invenções, e uma delas ganhou o prêmio da *California Society of Professional Engineers,* em 1994 e o prêmio da categoria "Agricultura" na *Invention Convention* em 1998. A máquina é o *Polymatic* 3000, um dispositivo que economiza e aproveita a água. Mas, no Brasil, não encontrei nenhum investidor, ninguém no país quer investir na conservação de água, e isso é uma pena.

Conheci Maria [atual esposa, brasileira] em 1999, pela internet. Nos conhecemos pessoalmente e nos demos muito bem. Então fizemos uma viagem de *motorhome* por um tempo. Em 2004, nos mudamos para o Brasil e vivemos alguns anos em Minas Gerais, depois nos mudamos para cá [Jacareí, interior de São Paulo] porque os filhos da Maria são médicos e precisamos de alguém que cuide de nós. Bom, é onde estamos agora. Tenho 90 anos, não faço mais muita coisa, mas um dos meus hobbies é construir pequenas fontes de água decorativas e esculturas de pedra sabão.

Minha experiência no Brasil tem sido ótima, as pessoas são muito gentis, e o país é lindo. Muitos estadunidenses não entendem o Brasil, e agora, para falar a verdade, sou eu quem não entende os Estados Unidos. Política? Eu prefiro manter distância. Eu leio e entendo muito do português, mas não consigo falar, é uma língua muito difícil. Desde que saí dos Estados Unidos nunca mais voltei. Não tem mais nada lá, tenho bons amigos aqui, minha vida é aqui agora, e é muito boa, isso aqui é um paraíso.

Nota: Mr. Levant G. Dunning faleceu no dia 13 de março de 2021, à 01h20, aos 90 anos.